

Pastore: País precisará de 10 a 11 bilhões até 84

O Brasil precisará de US\$ 10 a 11 bilhões para fechar suas contas externas deste e do próximo ano e ainda encerrar 84 "com reservas externas ao redor de US\$ 5 bilhões". Essas estimativas foram feitas na última sexta-feira pelo presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, durante a reunião com o comitê assessor dos bancos credores internacionais, em Nova York, segundo informações obtidas ontem por representantes de bancos estrangeiros no Exterior.

O Brasil, como esclareceu Pastore aos credores externos, espera receber esses recursos nas seguintes proporções: US\$ 2 bilhões de empréstimos governamentais, US\$ 2 a 2,5 bilhões de instituições internacionais e US\$ 6,5 a 7 bilhões dos bancos privados.

O prosseguimento das negociações, considerada a fase 2 da renegociação da dívida, depende basicamente dos entendimentos que ainda não foram concluídos com o FMI e que, por sua vez, estão subordinados à aprovação do Decreto-Lei nº 2.045 pelo Congresso, introduzindo alterações no reajuste salarial. A aprovação desse projeto é importante porque o compromisso de eliminar o déficit público no próximo ano, uma das metas da carta de intenções entregue ao FMI no final da semana passada, depende da redução dos salários pagos pelas estatais.

OS OBSTÁCULOS

Embora não dispusessem de muitas informações sobre o encontro de Pastore com o comitê assessor, representantes de bancos estrangeiros disseram que a reunião abriu oficialmente a fase 2 da renegociação, que, entretanto, continuará em compasso de espera enquanto não estiver efetivamente terminada a fase primeira com o FMI. Quando for retomada a renegociação com os banqueiros, poderão surgir mais alguns obstáculos.

Os pontos que poderão provocar maiores divergências, como prevêem representantes de bancos estrangeiros, são as estimativas brasileiras para o superávit de US\$ 9 bilhões na balança comercial de 84 e a falta de informações precisas sobre o montante dos atrasos existentes hoje na dívida externa brasileira. Os banqueiros receiam que o volume de atrasos atinja atualmente US\$ 3 bilhões, cerca de 50% acima das estimativas oficiais.

Além disso, como mensalmente estão sendo acumulados vencimentos atrasados, o "furo" poderia chegar ao final do ano ao redor de US\$ 4 bilhões. Assim, mesmo que for liberada nos próximos meses a totalidade do Projeto I (empréstimo-jumbo) de US\$ 4,4 bilhões, o Brasil chegaria ao final do ano sem atrasos, mas também sem nenhuma reserva.

Com relação à estimativa de US\$ 9 bilhões de superávit (recursos incluídos pelo governo brasileiro para projetar a necessidade de novos empréstimos até o final de 84), os banqueiros consideram que se trata de uma meta viável, mas muito dependente da conjuntura internacional. Eles acreditam que, teoricamente, o Brasil pode manter as importações restritas aos valores previstos para este ano, de US\$ 16,5 bilhões e aumentar as exportações, de US\$ 22,5 bilhões esperados para este ano, em cerca de 10%. Isso dependerá porém, do comportamento dos preços das commodities exportadas pelo Brasil e do nível de aquecimento da economia mundial.

A reativação econômica nos países industrializados poderia provocar uma elevação das taxas de juros e, nesse caso, o superávit na balança comercial brasileira seria, em parte, prejudicado por um déficit maior na balança de serviços. Diante dessas variáveis, o Brasil não terá muita facilidade em convencer os bancos internacionais a aumentarem seus empréstimos em mais US\$ 7 bilhões.